

EN *History of Violence* is the chronicle of an unexpected encounter between a young writer and a man of Kabyle origin, in a night of sex that ends in brutality. This play gives account of the disturbing panorama of structural violence and deep-rooted racism in our societies. This is also the autobiographical story of Édouard Louis, in a creation by Schaubühne Berlin. Thomas Ostermeier makes an extremely tense adaptation, structured in the form of a mosaic that maintains the fragmented structure of the narrative of Louis's novel and the polyphony of its voices.

HISTORY OF VIOLENCE

SCHAUBÜHNE BERLIN (Alemanha)
Texto de ÉDOUARD LOUIS numa versão de THOMAS OSTERMEIER,
FLORIAN BORCHMEYER E ÉDOUARD LOUIS
Encenação de THOMAS OSTERMEIER



42º FESTIVAL 04 — 18
de almada JULHO 2025

Organização CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

<i>Dias e Horários</i>	09 JULHO — 21H30 10 JULHO — 19H00
<i>Local</i>	SALA PRINCIPAL TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE
<i>Classificação Etária</i> M/12	<i>Duração</i> 2H15

Interpretação
CHRISTOPH GAWENDA
LAURENZ LAUFENBERG
RENATO SCHUCH
ALINA STIEGLER

Músico
THOMAS WITTE
Assistência de encenação
DAVID STÖHR

Adereços e Cenografia
NINA WETZEL

Música
NILS OSTENDORF

Vídeo
SÉBASTIEN DUPOUEY
Dramaturgia
FLORIAN BORCHMEYER

Desenho de luz
MICHAEL WETZEL
Assistência à coreografia
JOHANNA LEMKE

PT A ideia de encenar *Histoire de la Violence* [*História da Violência*, Elsinore, 2019], de Édouard Louis, surgiu de forma bastante orgânica, a partir do trabalho cénico que realizámos para adaptar o texto *Retour à Reims* [*Regresso a Reims*, D. Quixote, 2019], de Didier Eribon, sendo este último não só o professor e mentor do jovem escritor, como também, de certa forma, uma sua alma gémea. Didier Eribon e Édouard Louis partilham as mesmas origens (ambos nasceram numa classe trabalhadora de província), as mesmas experiências humilhantes enquanto jovens *gay* num contexto profundamente machista, e a mesma necessidade de fugir da violência e da homofobia das suas famílias: uma história descrita por Édouard Louis no seu primeiro romance, *En finir avec Eddy Bellegueule* [*Para acabar de vez com Eddy Bellegueule*, Elsinore, 2022].

História da violência consiste na crónica do encontro inesperado entre um jovem escritor e um homem de origem cabila, após um jantar de Natal: segue-se uma noite de sexo que termina em brutalidade, uma violação e uma tentativa de homicídio. O que se sucede a esse acontecimento vai revelando, gradualmente, a violência estrutural e o racismo profundo das nossas sociedades supostamente igualitárias e humanistas, mas que, na realidade, estão à deriva, em direcção a uma xenofobia flagrante.

Para a encenação, começámos por fazer uma adaptação do romance com o próprio Édouard Louis. Mantivemos a estrutura fragmentada da narrativa do texto, e também a polifonia das vozes. O protagonista é o narrador: uma voz interior, uma espécie de *alter ego* rebelde, um advogado do diabo que contradiz e comenta a versão subjectiva do narrador principal. Há a *mise en abyme* da narração feita à irmã de Édouard, Clara, que por sua vez relata os acontecimentos ao marido, mas a partir da sua própria perspectiva e com muitos preconceitos e julgamentos sobre o irmão. Há ainda a dor de comunicar os acontecimentos à polícia.

A acção, no entanto, não é narrativa, mas sim apresentada de forma dramática e lúdica, com diálogos, acções cénicas virtuosas – e até coreografias – em que os actores trocam constantemente de papéis e de identidades. Para além de Edward, o palco é povoado por Reda, Clara, o seu marido, mas também pelos polícias racistas e cínicos da esquadra, os médicos, as enfermeiras, a mãe de Édouard (na peça, Edward), um sem-abrigo na sala de espera do hospital, e um dono de uma lavandaria. Mais de dez papéis são interpretados por apenas quatro atores, que transformam constantemente as suas identidades através de ‘cortes’ repentinos, permitindo que a acção passe de uma cena para outra, de uma personagem para outra — uma técnica que Thomas Ostermeier tem vindo a aperfeiçoar nos seus espectáculos.

Florian Borchmeyer, dramaturgista e co-autor da adaptação cénica (texto editado)